

# **A realidade grega como parteira da filosofia: uma exposição didática sobre o nascimento e os primeiros passos da filosofia**

Marcos Francisco Martins<sup>1</sup>

Paulo Romualdo Hernandes<sup>2</sup>

*Toda a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na praxis humana e na compreensão dessa praxis.*

**(VIII Tese de Marx sobre Feuerbach)**

**Palavras chave:** Filosofia, civilização grega, filósofos antigos.

**Resumo:** No presente trabalho apresentamos as condições histórico-sociais que engendraram o nascimento da civilização grega e, em seu interior, os conflitos que fizeram surgir a filosofia em oposição ao saber tradicional, o mito. A intenção é a de se produzir um material didático, isto é, um texto que possa ser utilizado como apoio às aulas introdutórias da disciplina de Filosofia ministrada no nível superior de ensino. Por isso, no desenvolvimento desse texto também é apresentado uma caracterização da filosofia, acompanhada de uma pequena síntese das idéias dos primeiros filósofos gregos, os pré-socráticos, Sócrates e os sofistas, Platão e Aristóteles, dos quais a civilização ocidental é herdeira.

## **O nascimento da civilização grega: a constituição do berço da filosofia**

Por mais ignorantes que sejamos em relação aos acontecimentos passados, é bastante difundida entre nós a idéia de que herdamos muitas coisas dos gregos antigos. Só para ficarmos

---

<sup>1</sup> - Marcos Francisco Martins, professor do UNISAL, é graduado em Filosofia, mestre e doutorando em “Filosofia e História da Educação” pela Faculdade de Educação da Unicamp e autor da obra “*Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?*”, publicada pela Autores Associados.

<sup>2</sup> - Paulo Romualdo Hernandes, professor da UNIOPEC, é graduado em Filosofia, mestre e doutorando em “Educação, conhecimento, linguagem e arte” pela Faculdade de Educação da Unicamp.

em alguns exemplos, poderíamos citar a história pela primeira vez tratada com “espírito científico” por Heródoto, separada das lendas, nas artes a harmonia de suas esculturas, a arquitetura, a comédia e a tragédia do teatro, acessível a amplas camadas e com valor pedagógico, a poesia de Homero e Hesíodo e o trabalho do legislador Clístenes, que formulou uma nova maneira de governar as cidades, contando com a participação dos cidadãos. Além disso, poderíamos ainda destacar o surgimento da “medicina racional” (entenda-se como aquela arte médica pautada pela observação, análise de dados etc.) de Hipócrates (considerado o pai da medicina) e o juramento para o médico elaborado por ele no fim do século V a.C., visto como um dos primeiros modelos de ética profissional.

Dentre todas as contribuições gregas para a contemporaneidade há uma que ganha relevo entre as demais, a saber: a filosofia. Ao pé da letra significando amor, amizade (“philia” em grego) pela sabedoria (“sophia”), a filosofia não surgiu simplesmente da mente brilhante de alguns sábios antigos, como muitos imaginam, outros falam e tantos repetem. Pelo contrário, ela é o resultado de todo um processo histórico-social que se desenvolveu no contexto econômico e político das cidades gregas antigas, chamadas de “pólis”.

Se fôssemos nos ater à mitologia para rememorar a origem da Grécia, poderíamos afirmar que ela está relacionada com a ira de Zeus. Aborrecido com a maldade dos homens, esse que era considerado o deus dos deuses resolveu inundar a terra. Desse descontrole divino, que muito se assemelha ao temperamento humano, somente sobram Deucalião, tido como o homem mais justo, e Pirra, a mulher mais virtuosa, que escaparam em uma arca<sup>3</sup>. Navegaram nove dias e nove noites até chegarem ao monte Parnaso, onde consultaram um oráculo para saber o que fazer. Obtiveram como resposta que deveriam sair caminhando e atirar para trás os ossos (pedras) de sua mãe (terra). As pedras de Deucalião transformaram-se em homens e as de Pirra em mulheres. O filho de Pirra e Deucalião, chamado de Heleno, foi o pai do gregos (chamados de helenos, por habitarem a Hélade - terra de Heleno -, ou “Héllas” em grego) (Cf.: Schwab, G. *As mais belas histórias da Antigüidade Clássica*: 24 a 28).

---

<sup>3</sup> - Qualquer semelhança com o mito cristão da “Arca de Noé” não é mera coincidência, uma vez que a bíblia e toda a cultura ocidental sofreram uma profunda influência do helenismo (cultura grega).

Para além da explicação mítica, com a ciência histórica é possível afirmar que os primeiros habitantes da Hélade eram povos nômades e guerreiros, que deixaram o norte da Europa e Ásia há aproximadamente 2000 anos a.C. e se fixaram na península balcânica. Dentre eles estavam os Aqueus, Jônios, Eólios e Dórios, que chegaram na região em busca de terras férteis em sucessivas ondas migratórias. Ali se integraram aos povos já residentes ou os conquistaram. Dentre as muitas fontes históricas disponíveis que relatam a origem dos gregos<sup>4</sup> temos a “Ilíada” e a “Odisséia”, duas epopéias<sup>5</sup> atribuídas ao poeta Homero<sup>6</sup>, o primeiro falando do conflito gregos “versus” troianos e o segundo versando sobre as aventuras de Ulisses para voltar à sua casa.

Depois de fundada, a civilização grega ganhou um perfil que a diferenciou de todos os demais povos antigos. Neste sentido, como não poderia deixar de ser, as próprias características geográficas da península balcânica influenciaram no tipo de civilização construída por este povo. Veja-se, por exemplo, que o fato de esse local ser banhado pelo Mar Jônio, Egeu e Mediterrâneo acabou por se constituir em um estímulo ao comércio marítimo, uma das suas principais atividades econômicas. É importante destacar que essa navegação comercial não possibilitou somente o desenvolvimento econômico, mas também, e principalmente, o contato com civilizações orientais, como é o caso dos egípcios, dos persas, dos babilônios, dos assírios e dos caldeus, das quais os gregos retiram elementos para forjarem a sua própria cultura.

---

<sup>4</sup> - Uma explicação para que todos os povos da Hélade fossem identificados por gregos se deve ao fato de que quando os romanos dominaram essa região, o primeiro grupo a ser submetido era o dos gregos (“*graeci*” em latim), passando os conquistadores a chamar de gregos todos os povos dessa região, que não formavam grupo homogêneo. (Cf. PILETTI e PILETTI. *História & Vida integrada*: 102)

<sup>5</sup> - Epopéias são versos, poemas, poesias que tratam de grandes feitos heróicos. A *Ilíada* (“Ilion” = Tróia) trata da guerra dos gregos contra os troianos, guerra estabelecida porque Paris, um troiano, teria raptado, com a ajuda da deusa Afrodite, Helena, mulher do grego Menelau. A *Odisséia* conta a história de *Odisseu* (Ulisses), astucioso e artificeiro general grego (teria inventado o cavalo de madeira, presente de grego), que após vencer Tróia saqueou terras de parentes do deus dos mares Posídon. O deus ficou enfurecido com este fato, fazendo com que Ulisses não regressasse para Ítaca, sua casa, por dez anos, tendo vivido muitas aventuras nesse período.

Além da *Ilíada* e da *Odisséia* atribuídas a Homero, podemos citar como exemplo de epopéias a *Eneida*, de Virgílio, poeta romano, que conta a fundação de Roma comandada pelo troiano Enéas, derrotado na *Ilíada* de Homero pelos gregos. *Os Luzíadas*, do poeta português Luiz de Camões, que conta a história da conquista das Índias por Vasco da Gama. Temos no Brasil a epopéia *De Gestis Men de Sá* escrita pelo jesuíta José de Anchieta, que conta os feitos heróicos do terceiro governador do Brasil, Men de Sá.

<sup>6</sup> - Homero é mais uma daquelas importantes personagens históricas, como Sócrates ou Jesus, de que não temos notícias de sua existência de forma indiscutível. Homero nada escreveu, e isto se deve ao fato que uma das características principais para um poeta grego ser respeitado pela comunidade, seja o “aedo”, que fazia os poemas, ou o “rapsodo”, que os recitava, era a de declamar memória. Memória que era uma das Musas da mitologia grega.

Além disso, alguns elementos geográficos influenciaram na formação econômico-social grega, quais sejam, o relevo montanhoso, as várias ilhas que se esparramam pelo Mar Mediterrâneo, e as encostas escarpadas do litoral, que fez com que as cidades-estados tivessem pouco contato entre si, tornando-se independentes umas das outras. Fincadas nas colinas centrais dos vales, ou encravadas nas encostas escarpadas, ou nas ilhas em lugares de portos naturais, as “pólis” construía muralhas<sup>7</sup> para protegerem-se, o que reforçava ainda mais a separação entre elas e tornavam-nas diferentes das cidades atuais, que são muito próximas umas das outras e mantêm entre si relações econômicas, sociais, políticas e culturais muito intensas.

Nessas cidades-estados, localizadas em vales e planícies férteis, surge um povo culto e profundamente humanista. O humanismo grego, aliás, atingiu tal radicalidade que contaminou até mesmo a religião por eles fundada, composta por inúmeros deuses (politeísta), que tinham formas e sentimentos humanos.

Diferentemente de outros povos antigos, como os egípcios e os incas, os gregos conseguiram manter uma certa separação entre religião e política. Enquanto que para os egípcios e incas o chefe político era visto como um deus em pessoa ou seu representante, isto é, tanto o Faraó quanto o Sapa Inca concentravam em suas mãos o poder religioso e político, os gregos foram os primeiros a descentralizarem o poder e, assim, fundarem a democracia. Para eles, religião e política deveriam manter uma distância, daí que o chefe político não era visto como um ser divino, mas como um homem comum, o que resulta em uma nova concepção muito particular de poder político, ou melhor, resulta na fundação da política como a arte de construir coletivamente os rumos da comunidade. Muito embora saibamos que a participação nas discussões feitas em praça pública (“*Ágora*”) sobre os rumos da comunidade era garantida somente para um pequeno grupo de pessoas privilegiadas (oligarquia), é inegável que os gregos contribuíram muitíssimo para a noção atual que temos de democracia, um tipo de governo organizado por leis e instituições forjadas coletivamente.

---

<sup>7</sup> - Segundo o que Homero conta na *Ilíada*, os gregos, em seus navios, ficaram por dez anos lutando contra os troianos, que resistiam bravamente atrás de suas muralhas. Na *Odisséia* fica-se sabendo que o que derrotou as “muralhas” de Ilion (Troia) foi uma invenção de Odisseu (Ulisses), idéia que lhe dera em sonho a deusa de sua devoção, Atena (deusa da sabedoria e astúcia): um cavalo de madeira oco por dentro para que lá se escondessem alguns generais gregos. Os gregos simularam, então, terem ido embora do campo de batalha, levando durante a noite seus navios para um esconderijo. O cavalo de madeira seria uma oferta que teriam deixado a Zeus, o pai dos deuses. Os troianos levaram o cavalo para o templo dedicado a Zeus dentro das muralhas de sua cidadela e festejaram a vitória contra os gregos. Os generais, que estavam escondidos no cavalo de madeira, saíram durante a noite, entre eles Ulisses, abriram os portões de Tróia e massacraram os troianos. (Cf.: HOMERO, *Odisséia*: 41 passim)

## **O nascimento da filosofia como fruto de conflitos: um parto doloroso**

Na Grécia antiga, nessa civilização fundada na península balcânica, nasce a filosofia, isto é, nasce em um determinado contexto econômico, político, social e cultural. A filosofia, pois, é concebida e gestada no calor das relações sócio-políticas e econômicas travadas pelo gregos antigos, o que dá a ela alguns limites e possibilidades.

Logo no início da civilização grega, assim como no princípio de todas as demais, os homens se sentiam inseguros ante a grandiosidade da natureza, que se impunha sobre eles e se apresentava como algo desconhecido, arredo e que, portanto, causava medo. Para superar esses obstáculos, o povo se uniu em várias tribos e submeteu-se a uma autoridade comum, o chefe supremo dos exércitos, chamado de “*basileu*”.

Paralelamente a essa autoridade política surgiu uma outra, mas com viés social e cultural: o mito. As narrativas míticas eram mantidas oralmente pelos poetas como tendo sido ouvida por eles diretamente da voz das musas. Isso inebriava as pessoas, fazendo com que os governantes e suas famílias perdurassem no poder por longa data, e que os jovens, seus filhos, crescessem e fossem educados para manter esta tradição. E, assim, o mito legitimava a autoridade estabelecida e consolidava as suas funções de domínio e direção sobre toda a coletividade.

Segundo Grimal,

O mito se opõe ao logos como a fantasia à razão, como a palavra que narra à palavra que demonstra... O logos, sendo uma argumentação, pretende convencer... Mas o mito tem por finalidade somente a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade, mediante um ato de fé, ... O mito, assim, atrai em torno de si toda a parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações.  
(GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*: 8 e 9)

Como se percebe, o mito tinha uma autoridade, pois respondia a todas as perguntas e dele ninguém podia duvidar; era como um pensamento único, o qual não se costuma questionar.

Quando o poder do mito não era suficiente para legitimar o poder da aristocracia, dos bem nascidos, como nas disputas políticas nas praças da Atenas democrática, este poder fora

legitimado pelo poder das belas, persuasivas e vazias palavras dos discursos bem preparados pelos sofistas e declamados de forma convincente pelos jovens aristocratas. É interessante observar, então, que mesmo nesta Atenas democrática a tradição se mantinha, afinal tanto os escolhidos a serem seus dirigentes como aqueles que os escolhiam eram apenas os "bem" nascidos em Atenas, filhos de pais livres e atenienses, os cidadãos, e que tivessem determinadas condições, como saberes, conhecimentos das leis e da política. Ora, apenas os que tinham tempo livre para se dedicar aos estudos de filosofia e podiam pagar aos seus professores - os sofistas - é que conseguiam reunir tais condições, ou seja, apenas os filhos da aristocracia.

Na disputa pela possibilidade de dominar e dirigir a sociedade, na luta por afirmar-se como gestora da realidade, a aristocracia enfrentou um grande desafio, qual seja o de questionar o que era inquestionável, questionar a tradição mítica. Dessa dúvida ao conhecimento (mítico) sedimentado pela tradição, desse conflito entre racional e alegórico nasce a filosofia, que se apresenta como uma nova forma de conhecimento, um paradigma, um novo modelo fundado na razão, em oposição à fé no saber tradicional. Mas, além de mostrar aos jovens gregos os preconceitos e credices existentes por trás da tradição mítica, os filósofos humanistas e políticos, como Sócrates, Platão e Aristóteles demonstraram os limites dos discursos preparados pelos sofistas, com intenção retórica de eloquência e persuasão na fala dos jovens aristocratas de Atenas, sem qualquer compromisso com a realidade e a verdade, almejando apenas a continuidade do poder através das belas palavras.

É por isso que se pode dizer que desde o seu nascimento a filosofia tem um compromisso com o questionamento constante e com o inconformismo em relação ao “*status quo*”, passado que incomoda a muitos filósofos atuais, amigos dos donos do poder instituído e não da sabedoria. Portanto, muito mais do que um simples saber que orienta a vida dos indivíduos, o nascimento da filosofia acontece mediante um embate sócio-político-cultural fruto das novas relações sociais, que ganharam outros contornos com o desenvolvimento econômico atingido pelos gregos, isto é, a filosofia é fruto da ação de grupos e indivíduos dentro um contexto econômico, social, político e cultural, e não simplesmente produto da mente geniosa de alguns iluminados sábios.

Com isso, reafirmamos as palavras de Marx e Engels em “A ideologia alemã”:

A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçadas com a atividade material ... dos homens. O representar, o pensar ... aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. (...) ... os homens, ao desenvolverem

sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*: 36 e 37)

Então, desde o seu nascimento a filosofia é conflitiva, traz em si a crise como algo inerente a ela. Talvez seja por isso que muitos afirmam, inclusive aqueles sujeitos mais comuns do dia a dia, que o papel do filósofo é o de criticar. Na verdade, palavra crítica está um tanto quanto desgastada nos dias de hoje, pois é sempre vista como algo negativo. Derivada de crise, que também traz uma idéia negativa, crítica vem do grego “*Krisis*”, que significa conhecimento, juízo. Assim, um dos sentidos da palavra crítica é o de refletir com conhecimento sobre algo para poder extrair um juízo, seja ele de perspectiva positiva ou negativa, isso sem deixar de admitir que teoricamente ela pode ter muitos outros<sup>8</sup>.

Pode-se, pois, fazer crítica de muitas coisas, inclusive de um filme (“O Senhor dos Anéis” por exemplo: o filme é ótimo já que consegue colocar em cena e em pouco tempo todas as idéias e imagens trazidas pelo livro de J.R.R. Tolkien, que é muito denso, isso sem ser cansativo, pois consegue manter a platéia atenta o tempo todo; percebe-se que isso só foi conseguido pelo diretor do filme graças ao fato de ele ter lançado mão de quadros em movimentos rápidos, entremeados a alguns momentos de silêncio, outros de muita ação e barulho) ou de um governo (como é o caso do governo atual de nosso país: um governo que se preocupa em resolver todos os problemas dos grandes grupos financeiros, tornando-se refém destes grupos que espoliam o trabalhador, não deveria se dizer social e nem democrata).

Portanto, o essencial para ser um crítico é ter conhecimento sobre aquilo que se vai criticar. Quando não temos conhecimento, no lugar de críticos nos tornamos repetidores de idéias de outros indivíduos ou de grupos sociais.

---

<sup>8</sup> - “Ao afirmar que a Filosofia é essencialmente crítica pode-se estar referindo-se, por exemplo, à crítica no sentido kantiano, à crítica enquanto capacidade de se avaliar os limites e possibilidades do conhecimento humano para além do empirismo e do racionalismo e independentemente da experiência. Neste sentido, a crítica ganharia uma conotação eminentemente epistemológica, constituindo-se enquanto uma busca da superação do dogmatismo (que pressupõe a validade do conhecimento sem o devido exame) e do ceticismo (que pressupõe a dúvida universal)”. (Cf. MARTINS, Marcos Francisco. *Uma nova filosofia para um novo ensino médio*: 94 a 111)

## **Os primeiros traços característicos da filosofia: a crítica de si e do mundo ao seu redor**

Se a própria filosofia é fruto de embates econômicos, sociais, políticos e culturais e se ela carrega como marca indelével a crítica como uma de suas características mais marcantes, não é de todo complicado deduzirmos o seu papel no interior da sociedade. Por isso, pode-se afirmar que a filosofia tem como meta a crítica constante, seja a si mesma, seja ao mundo ao seu redor.

Ao fazer-se como um saber crítico, a filosofia desdobra-se em uma tríplice tarefa reflexiva: refletir sobre o conhecimento, a ação e as condições em que se dão o conhecimento e a ação do homem no mundo. Em outras palavras, poderíamos dizer que a tarefa da filosofia tem três perspectivas diferentes, porém, articuladas, a saber: a epistemológica, a axiológica e a antropológica. (Cf. SEVERINO, *Filosofia da Educação: construindo a cidadania*: 27 a 43)

Ao buscar conhecer todos os contornos da realidade, todos os meandros das lutas que se travam no interior da realidade tornando-a tão dinâmica, os filósofos deparam-se com os limites e as possibilidades de seu conhecimento sobre o mundo, ou seja, começam a refletir sobre o conhecimento que têm do mundo. Questões como “o que é possível conhecer”, “de que forma podemos agir para atingir a verdade sobre um fato”, “qual é o papel da dúvida ou da certeza no processo de conhecimento”, “qual é o papel de nossos sentidos no processo de desvelamento da verdade”, entre outras questões relacionadas ao conhecimento, formam esse campo da reflexão filosófica denominado epistemologia, teoria do conhecimento ou gnosiologia.

Se o campo do conhecimento é eminentemente filosófico, a prática humana também o é, pois que o homem não é um ser que só reflete sobre os limites e possibilidades do conhecimento, mas é principalmente um ser prático, um ser que usa da teoria e da prática para transformar o mundo com sua ação, ou melhor, é um ser de práxis. Por isso, as questões como “o que deve o homem fazer” ou “como ele deve agir” ocupam os filósofos em suas reflexões, constituindo um outro campo da reflexão filosófica, o campo da axiologia, que tem na ética (ou Filosofia Moral) e na política duas de suas grandes expressões.

Como o homem só existe conhecendo e transformando o mundo com sua ação, pode-se dizer que ele não pensa e age no vazio, pois que ele já nasce situado. Desde os primeiros segundos de sua chegada ao mundo, o homem encontra-se situado em um contexto econômico, político, social e cultural, capaz de influenciá-lo profundamente. Neste sentido, também a própria condição do homem no mundo, seja ele o mundo natural ou o sócio-cultural, torna-se objeto da

filosofia; é nessa perspectiva que a reflexão filosófica constitui uma outra área, qual seja, a antropológica.

Portanto, seja em qual perspectiva for, na epistemológica, na axiológica ou na antropológica, a filosofia realiza-se mediante uma reflexão sobre a realidade humana, sobre a situação concreta do homem no mundo, a partir da qual emanam diferentes situações problemáticas, que se tornam objeto de reflexão, de crítica filosófica. Assim sendo, o objeto próprio da reflexão filosófica são os problemas que o homem enfrenta em seu dia-a-dia. Nas palavras de Saviani:

Com isto estamos em busca do ponto de partida da filosofia, ou seja, procuramos determinar aquilo que provoca o surgimento dessa atitude não habitual, não espontânea à existência humana. Com efeito, todos e cada um de nós nos descobrimos existindo no mundo (existência que é agir, sentir, pensar). Tal existência transcorre normalmente, espontaneamente, até que algo interrompe seu curso, interfere no processo alterando a sua seqüência natural. Aí, então, o homem é levado, é obrigado mesmo, a se deter e examinar, procurar descobrir o que é esse algo. E é a partir desse momento que ele começa a filosofar. O ponto de partida da filosofia é, pois, esse algo a que damos o nome de problema. Eis, pois, o objeto da Filosofia, aquilo de que trata a filosofia, aquilo que leva o homem a filosofar: são os problemas que o homem enfrenta no transcurso de sua existência. (SAVIANI, D. *Do senso comum à consciência filosófica*: 17 – grifo nosso)

Pelo que apresentou Saviani, pode-se perceber que os filósofos não são simplesmente homens de pensamento, que vivem pensando sobre coisas que nada dizem respeito ao que afeta todos os homens. Pelo contrário, os filósofos são aqueles homens que se encontram de tal modo envolvidos com a realidade humana que fazem dela objeto de análises profundas, buscando conhecê-la em detalhes e desvendar as relações que se travam em seu interior.

Entretanto, enfrentar problemas, buscar respostas àquilo que está afetando a nossa existência é próprio de todos os homens, até mesmo daqueles que têm da realidade um nível de consciência bem limitado, digamos daqueles que pautam a sua vida pelo senso comum. É por isso que se torna relevante apresentar mais alguns traços característicos da filosofia, isto é, torna-se importante mostrar a diferença da análise filosófica daquelas realizadas pelo senso comum do homens.

Talvez aqui mais uma vez Saviani possa ser chamado a nos ajudar. Ele afirma que ... se a filosofia é realmente uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta, entretanto ela não é qualquer tipo de reflexão. Para que uma reflexão possa ser adjetivada de

filosófica, é preciso que se satisfaça uma série de exigências que vou resumir em apenas três requisitos: a radicalidade, o rigor e a globalidade. (Idem: 24)

Ou seja, ao tratar dos problemas que atingem a todos, os filósofos buscam identificar a raiz deles, a sua gênese, mediante um processo metódico, que possibilite o esclarecimento de todas as etapas da investigação, buscando conhecer as relações existentes entre o problema em questão e o contexto do qual ele faz parte. Por isso, é possível concordar com Saviani quando conceitua a “... filosofia como uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta.” (ibidem: 27)

### **Os primeiros problemas enfrentados pela filosofia: a caminho do amadurecimento**

Se os problemas enfrentados pelo homem em sua existência cotidiana é objeto da análise filosófica, se eles constituem-se como o ponto de partida da reflexão filosófica, vejamos a seguir os desafios, as grandes questões das quais se ocuparam aqueles que foram os primeiros a fazer um reflexão que se propõe a ser radical, rigorosa e de conjunto.

Conta a história que **Pitágoras** admirado diante das harmonias e da perfeição dos cálculos feitos para a construção das pirâmides do Egito, ele que era considerado um sábio, sobretudo da matemática, quis desvendar os segredos destes cálculos, dizendo, pois, que na verdade não poderia ser um sábio, mas sim um amante do saber, um filósofo. Considerava-se um amigo do saber por que pretendia investigar, revelar, calcular, questionar os saberes existentes, evidentemente que ao fazer isso criou novos conhecimento, teoremas que nos incomodam até hoje. Amor ao saber o homem adquiriu desde que descobriu que refletindo, observando, lembrando, indagando e investigando conseguia agir sobre a natureza e modificá-la a seu favor, conseguindo dela aquilo que necessitava para viver. Assim, refletindo sobre as coisas, produziu o fogo para aquecer e afugentar animais ferozes, criou sua própria caverna, uma segunda pele, seu alimento, seus instrumentos etc.

Mas o ser humano não parou por aí; quis ir além, descobrir o porquê de sua existência, do universo, da vida, da morte e de suas possibilidades de produzir (cultura). Quis explicar para si e para os outros o sentido da vida. Tal busca produziu muitas reflexões, algumas ligadas a deuses e heróis, como é o caso do mito (que explica o conhecimento como dadiva dos deuses, por

exemplo, como no mito grego de Prometeu), e outras ligadas ao homem e às suas elaborações, explicações racionais (que procura explicar o conhecimento de forma racional, por exemplo, "O discurso do método de Descarte).

Politicamente, os primeiros filósofos não se conformavam com a "imobilidade" com que se conduziam as sociedades gregas. **Sócrates**, por exemplo, não conseguia ver os jovens serem preparados por seus adversários, tanto os poetas, que incentivavam a juventude a ser guerreira como os antigos heróis, quanto aos sofistas, que os ensinavam a arte da persuasão e da eloquência para fazerem bons discursos. Ao invés disso, Sócrates acreditava ser mais interessante desenvolver novos conhecimentos (ciências), seja para melhor governar e fazer crescer a Polis, seja para alcançar um melhor aprimoramento do espírito em busca das verdades que estariam certamente "gravadas" no interior de cada um (no espírito, na inteligência), bastando para isso colocá-las para fora, dar a luz a estas verdades.

Assim como Pitágoras, foram surgindo na Grécia muitos amantes do saber, filósofos que discutiam, debatiam nas praças as possibilidades e limites da existência como um todo. Talvez eles também tenham criado verdades míticas sobre todas estas coisas, mas o mais importante é que ao criar coragem de questionar as verdades míticas, o conhecimento estabelecido e imutável, fizeram o ser humano pensar mais em si, no seu mundo, na sua sociedade, na suas possibilidades de produzir conhecimento. Fizeram nascer o pensamento crítico, o pensamento racional sobre todas as coisas, não aceitando as explicações sobre as origens atribuídas a deuses.

Estes primeiros filósofos são conhecidos como **pré-socráticos**, ou cosmológicos, por que são os precursores da filosofia socrática e também por apresentarem uma explicação racional para as origens, ordem e transformação da natureza (cosmos), incluindo-se aí o ser humano. São contrários a origem da natureza na visão criacionista, para eles não há um deus, ou deuses, que deu origem ao cosmo, à alma, à inteligência, pois nada poderia vir a ser do nada. Desta forma, acreditavam haver na natureza um fundo eterno, sempre existente, perene, imperecível, mas invisível aos olhos do corpo; visível, no entanto, para o olho da mente, do espírito, para o pensamento. Portanto, se é visível aos olhos do pensamento o homem é capaz de desvelar as origens, as ordens e a transformação da natureza a partir de seu próprio raciocínio.

Para os pré-socráticos, todas as coisas da natureza vêm do fundo eterno e perene, e retornam a ele. Este vir a ser é chamado em grego de "*physis*", que significa fazer brotar, produzir. Tal "*physis*", em seu vir a ser, é imortal, enquanto a física, a matéria é mortal. Por isso,

a “*physis*” é o fundamento eterno e imutável de todas as transformações da natureza: o movimento, o nascer, o morrer, o envelhecer, o rio que corre, a água que cai etc. Estes fundamentos da *physis* os filósofos podem conhecer, justamente por fazerem parte do invisível para os olhos mas visível para o pensamento. Assim ,os pré-socráticos chegaram a diferentes “*physis*”, ou a diferentes princípios eternos que estão presentes nas transformações da natureza.

**Tales de Mileto**, matemático que desenvolveu um famoso teorema, dizia que o princípio de tudo era a água, ou o úmido. **Anaximandro**, por sua vez, considerava que a gênese de tudo encontrava-se no ilimitado sem qualidades definidas, **Anaxímenes** afirmava ser o ar ou o frio, **Heráclito** afirmou que era o fogo, **Leucipo e Demócrito** disseram que eram os átomos (parte da matéria que seria indivisível), **Empédocles** atribuía aos quatro elementos da natureza (ar, água, fogo, terra) o princípio de tudo.

Tais explicações que se pretendiam racionais sobre as origens, a ordem e a transformação do mundo encontraram no mundo grego sua "praça", pois este era o lugar de encontro de todas as culturas que se espalhavam no Mar Mediterrâneo e outros mares e terras, como os fenícios, hebreus, egípcios etc. Esta intensa troca de cultura exigia a aprendizagem e o desenvolvimento do conhecimento sobre todas as coisas. Atenas é a "praça central" e com isso tornou-se o centro social, político e cultural do mundo grego. Muitas mudanças aí aconteceram, juntamente com o florescimento de muitos saberes, que deram à filosofia um novo rumo. Não se trata mais de discutir as origens, as ordens cósmicas, as transformações, a “*physis*”, mas sim o homem e sua maneira de viver.

A partir da forma “democrática” de governar a *polis*, uma profunda mudança ocorreu em Atenas: não serão mais os descendentes de heróis, que conduzirão a *polis* eternamente, mas sim qualquer cidadão ateniense, isto é, um homem livre, naturalmente não estrangeiro. Basta para isso ter um belo discurso. Ora surgirão, então, os **sofistas**, filósofos prontos para ensinar aos jovens aristocratas a técnica de fazer um discurso (oratória) retórico, com persuasão e eloquência, que provasse através do próprio discurso que uma coisa era boa e ao mesmo tempo ruim para a polis, de acordo com as necessidades dele (o orador) e não da polis. Entre os principais sofistas estão: Protágoras de Abdera, Górgia de Leontini e Isócrates de Atenas.

**Protágoras**, um dos mais renomados sofista, colocou o homem como aquele que é a medida de todas as coisas, afirmando o conhecimento racional com primazia sobre toda a natureza, e até mesmo sobre o inexplicável, o sagrado. Esta idéia será retomada no

Renascimento, e talvez chegue até os nossos dias com esta imagem que temos do homem como o dono do universo. A primazia do desenvolvimento filosófico colocado no homem, no indivíduo, e os debates políticos construídos para persuasão dos cidadão através de uma boa retórica (técnicas para produzir um bom discurso), isto é, sem compromisso com a verdade, irão enfurecer alguns filósofos, sobretudo de Atenas, e causar um grande clima de rivalidade entre esses e os sofistas. Nesse clima é que surge aquele que é considerado o pai da filosofia grega: **Sócrates**.

No pórtico do oráculo de Delfos<sup>9</sup>, que Sócrates costumava visitar, estava inscrito estes dizeres: "conhece-te a ti mesmo", palavras que são capazes de, em certa medida, definir um pouco do pensamento e das idéias de Sócrates. Segundo tal máxima, é necessário deixar as verdades dos deuses, mantidas pelos poetas e sacerdotes, e começar a produzir conhecimentos renovados, a partir daquilo que está dentro de você. Neste sentido, pois, a verdade não está fora do homem, na voz dos deuses, na dos oráculos, mas sim no interior do homem.

A propósito: "o que é a verdade?" Para o mito, o ser humano não passava de um brinquedo nas mão dos deuses; aliás, para Zeus um brinquedo erótico. Desprezível, o ser humano se obrigava a viver conforme queriam os deuses, sob a pena de serem esmagados "literalmente", fazendo templos, sacrifícios, guerras em honra aos deuses etc. Evidentemente, como dissemos anteriormente, por trás disto estava a fala dos poderosos, que se diziam e certamente se sentiam os descendentes diretos dos deuses e heróis das tradições, e obviamente queriam manter o privilégio conquistado. Questionar, investigar, perguntar duvidar das verdades e da tradição certamente fez os filósofos terem muitos problemas com os donos do poder.

Segundo a tradição o homem, filho da aristocracia, nascia para ser virtuoso. Ser virtuoso significava ser um guerreiro e defender sua casa, sua família, suas posses, sua "*polis*", seu nome. Sócrates discordava disso e dizia que ser virtuoso era ser sábio, ser um amante do saber, um filósofo. Desafiando desta maneira a aristocracia, Sócrates foi julgado em praça pública pelos escolhidos das demos (tribos) de Atenas. Motivo do julgamento: ser ímpio aos deuses (falar contra os deuses) e corromper a juventude.

Sócrates defendeu-se dizendo nada ter falado contra os deuses, muito pelo contrario, apenas ter falado do "uso" que alguns homens fazem deles e também de não ter corrompido a juventude, mas de tê-la ensinado a chegar à verdade. Interessante observar que o filósofo

---

<sup>9</sup> - O oráculo na Grécia era uma espécie de santuário, um lugar onde os gregos consultavam os deuses através de uma sacerdotisa.

ateniense alegou em sua defesa que os seus acusadores não sabiam exatamente qual era a razão de ser de seu julgamento, pois estes, quando questionados, não souberam responder como alguém que fala sobre os deuses pode não acreditar neles. Ou, então, como seus acusadores poderiam querer condená-lo por corromper a juventude se não sabiam o que era bom ou ruim para os jovens.

Apesar de ter se defendido de forma brilhante, foi condenado, e como de costume em Atenas, teve que escolher sua pena: ou deixar a cidade, e com isso renegar seus ensinamentos, ou a morte. Sócrates escolheu a morte, pois preferia morrer do que renegar àquilo em que acreditava e ensinara aos jovens. Durante o período que ficou aguardando sua execução, os seus discípulos e amigos, arquitetaram planos de fuga. Sócrates não aceitou fugir, pois acreditava que para uma “*polis*” viver em harmonia é sempre melhor seguir uma lei a todo custo, mesmo que ela seja injusta, como foi sua condenação. E, assim, em um dia do ano de 399 aC, o filósofo Sócrates, que fora considerado pelo oráculo de Delfos o homem mais sábio da Grécia, tomando cicuta (veneno) morreu em uma prisão de Atenas.

**Platão** era discípulo de Sócrates e ficou transtornado com a morte daquele por ele também considerado o homem mais sábio da Grécia. Pensava que uma sociedade cujos dirigentes condenam a morte o seu mais sábio representante, aquele que ilumina com suas idéias as “cabeças” dos jovens desta sociedade, não pode ser uma sociedade bem governada, bem dirigida. Por isso, Platão desconfia e põe em xeque o governo (democrático) de Atenas, dizendo que na verdade os homens que condenaram Sócrates foram manipulados por discursos bem preparados pelos sofistas e bem declamados na praça pelos acusadores de Sócrates. Se aqueles que julgaram tivessem condições intelectuais, sabedoria para fazer o julgamento, teriam levado seu mestre para junto dos heróis, e não à morte.

Morreu Sócrates, mas suas idéias permaneceram por muitos anos na cabeça de Platão. Sócrates tornou-se interlocutor interior de Platão<sup>10</sup> e apareceu dialogando em praticamente toda a obra dele como um personagem. Talvez por isso mesmo Platão concebeu uma divisão da vida humana em dois mundos: o mundo das idéias, lugar que certamente viveria a alma,

---

<sup>10</sup> - Pode parecer meio estranho imaginar um mundo de idéias e um mundo material separados, mas a verdade é que ainda hoje discutimos e debatemos Sócrates e Platão, entre outros, principalmente nas universidades. Por falar nisso, podemos dizer que se Sócrates é tido como o pai da filosofia, Platão é considerado por alguns estudiosos como sendo o pai da universidade, já que fundou em Atenas a “Academia”, um lugar em que os jovens atenienses se reuniam para apreender e desenvolver o conhecimento, a filosofia.

principalmente a de seu mestre, lugar que se chega ao “sumo Bem”, à verdade absoluta sobre todas as coisas, e um mundo imperfeito, cheio de problemas, o mundo material.

O conhecimento para Platão era algo ligado às idéias e a um mundo supra-lunar, fora do material. Quem mediava a chegada a este conhecimento eram as ciências matemáticas, por que produzem verdades inquestionáveis. Assim, Platão desenvolveu uma idéia de “*pólis*”, a república platônica, organizada de forma totalmente matemática, contendo inclusive o número exato de habitantes, quem deveriam ser os administradores (os filósofos, evidentemente) etc.

Com essa idéia de organização matemática do mundo grego, Platão saiu de Atenas, deixando a Academia nas mãos de um de seus discípulos, Eudoxo, pois surgiu uma possibilidade de implantar as suas idéias políticas em Siracusa, na Sicília, sob o reino de Dionísio II. Se Sócrates morreu por suas idéias, Platão acabou sendo vendido como escravo em Siracusa, tendo, obviamente, suas idéias políticas recusadas por Dionísio II.

Neste período chega em Atenas aquele que seria um outro grande filósofo, reconhecido em todos os tempos posteriores: **Aristóteles**. Em sua chegada, que se dá no momento em que Platão está em Siracusa, Aristóteles depara-se com duas escolas de filosofia: a de Isócrates, sofista, que prepara os jovens para serem bem sucedidos na política através do conhecimento retórico, e a Academia de Platão, que busca o fundamento do conhecimento de todas as coisas através da matemática. Prefere ficar na Academia. Filho de médico, Nicômaco, ligado à casa real da Macedônia, traz para o conhecimento as investigações próprias das áreas da biologia, como a seleção, a observação e a classificação. Não é a toa que Aristóteles é considerado o pai do conceito, ou da organização, do método de investigação.

Aristóteles organiza o pensamento filosófico grego, fazendo talvez a primeira história do pensamento. Com isso, constrói para si e para seus discípulos, inicialmente na Academia platônica e mais tarde na sua própria escola, o Liceu, fundamentos para várias áreas do conhecimento, como é o caso da lógica, da retórica, da poética, da política, da ética, da biologia, da física e da metafísica.

Na organização da ética, o filósofo de Estagira defende a idéia de que a existência do homem, seu estar-no-mundo deve ter como sentido a busca da felicidade. Mas, pergunta o filósofo, e o que é a felicidade? Evidentemente, para um filósofo a felicidade só pode ser o conhecimento, a cultura. Já a política é o principio de felicidade humana, uma vez que o homem

não poderia viver, segundo Aristóteles, sozinho; então, tem que desenvolver formas de comportamento (ética) que tornem possível seu viver "feliz" em sociedade.

Sócrates, Platão e Aristóteles são a base do pensamento crítico, da filosofia ocidental. Grandes obras do pensamento humano foram se construindo e se fazendo sobre esta base. Debates sobre a cultura ocidental, sobre o conhecimento, pensamos na divisão do fazer e do saber e, assim, refletimos sobre o mundo das idéias de Platão. Ao discutirmos política, falamos do comportamento humano, muitas vezes sem perceber que estamos falando da ética socrática diante da morte em cumprimento a uma lei (mesmo que injusta) da "pólis" grega. Fazemos textos, teses, dissertações, discursos, emitimos opiniões sem muitas vezes nos darmos conta que estamos sendo "balizados" pelo método, organização, princípios e regras compostas por Aristóteles. Isso se dá porque, sobretudo, somos herdeiros da civilização grega.

### **Bibliografia**

- ARISTÓTELES. *Introdução em diálogos*. Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4<sup>a</sup> ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores)
- CHAUÏ, Marilena. *Convite à filosofia*. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1997.
- GALLO, Sílvio (coord.). *Ética e Cidadania*. 3<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora Papirus, 1998.
- GRIMAL, Pierre. *A mitologia grega*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros vãos)
- HOMERO. *Odisséia*. Tradução, introdução e notas Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- MARTINS, Marcos Francisco. *Ensino Técnico e Globalização: cidadania ou submissão?* Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- \_\_\_\_\_. Uma nova filosofia para um novo ensino médio. In: GALLO, Sílvio e KOHAN, Walter Omar (org.) *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. (Coleção Filosofia na escola; v. VI)
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e vida integrada* - volume 4. São Paulo: Ática, 1999
- PLATÃO. *Introdução em diálogos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha e Trad. de e notas de José Cavalcante de Souza. 4<sup>a</sup> ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores)
- PEREIRA, Otaviano José. *Aristóteles: o equilíbrio do ser*. São Paulo: FTD, 1990. (Coleção prazer em conhecer)
- SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 12.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. (Coleção educação contemporânea).
- SCHWAB, Gustav. *As mais belas histórias da antigüidade clássica*. Tradução Luiz Krausz. São Paulo: Paz e Terra, 1994
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia da educação: construindo cidadania*. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Aprender & Ensinar)
- SÓCRATES. *Introdução em diálogos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. de e notas Jaime Bruna, Líbero Rangel de Andrade, Gilda Rangel de Andrade. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores)